

Histórias, Redes Sociais e Memória

h.d.mabuse



"A capacidade de lembrar o que já se viveu ou aprendeu e relacionar isso com a situação presente é o mais importante mecanismo de constituição e preservação de identidade de cada um".

Rafael Cardoso, em Design para um mundo complexo, 2012

Das várias metáforas inadequadas que usamos ao falar sobre computadores, a que mais incomoda o autor dessas linhas é o uso do termo "memória".

Podemos dizer que o que chamamos de memória nos computadores, é um dispositivo capaz de armazenar e recuperar dados, com precisão matemática, em código binário. De um modo bastante diverso, entre nós humanos, a memória é um processo muito mais complexo de reconstrução de uma experiência vivida no passado *"pelo confronto com o presente e em comparação com outras experiências paralelas"*¹. Numa primeira leitura, se comparamos a memória humana com a dos computadores, a nossa pode ser considerada "falha", por não funcionar "acessando" uma lembrança com perfeita exatidão, mas sim recriando, reconstruindo lembranças do passado.

E é nessa construção que se encontra a beleza da memória humana: entre tantas outras características, a memória pode ser coletiva e não apenas pessoal; uma lembrança pode ser composta de mais de um fato do nosso passado, que remixamos como uma lembrança única; ou pode, inclusive, ser a lembrança de algo que não aconteceu, mas está tão bem construída para nós, que podemos jurar que passamos por tal experiência.

Dentro desse nível de complexidade, o papel dos artefatos que nos cercam é fundamental para essa construção. Cartas, agendas, *souvenirs* de viagem, livros, discos, coleções das mais variadas e fotos são alguns desses artefatos. Relatos escritos e fotografias talvez sejam os mais importantes elementos em nossa cultura que servem como pontos de partida para construção da memória e, no contexto atual de uso de internet e redes sociais, tem sido produzidos e compartilhados em um volume nunca visto anteriormente.

Correndo todo o risco de refletir no calor da hora, sem um adequado

distanciamento histórico, gostaria de tratar, no presente texto, de uma grande oportunidade que esse momento traz para os pesquisadores e uma ameaça que paira sobre todas nossas futuras lembranças.

A foto anônima do nosso dia-a-dia Começando pela oportunidade, que se apresenta mais óbvia: na quantidade de imagens públicas, inédita até hoje no seu volume e na sua facilidade de acesso (apenas o Facebook, em 2008 passou a marca de 10 bilhões de imagens), encontramos assim, para o estudo das imagens técnicas, um amplo material, em especial da chamada produção fotográfica anônima, *"com um mínimo de pose deliberada da parte do fotógrafo, no que se refere ao ponto de onde se tira, ao enquadramento, e à apreensão da imagem"*², onde a autoria da foto fica em segundo plano de importância em relação ao tema (festas, encontros, eventos) ou funções (demonstrar afeto, comunicar com parentes/amigos distantes, viralizar *memes*). Se por um lado essa publicação ampla expõe como nunca a vida privada das pessoas, por outro democratiza o acesso ao material visual potencialmente útil para pesquisa, para entendermos o impacto dessa mudança vejamos o exemplo dado por Miriam Moreira Leite, no livro "Retratos de Família": na pesquisa das fotos públicas e de coleções particulares do Carnaval em São Paulo do início do século XX, a pesquisadora observa que as fotos se tornavam públicas apenas quando as famílias *"legitimavam a sua condição dominante ao serem divulgadas nas revistas"*.

Hoje essa relação entre imagem pública e poder é bem diferente. Com a combinação do barateamento do acesso a dispositivos de produção de imagem (cada vez mais uma atribuição dos celulares) e a farta publicação nas redes sociais, a representação do dia-a-dia não só tem como característica estar pública mas também vem, cada vez mais, com autoria do próprio objeto representado (vide as autofotografias com câmeras de celular).



Essa é a conclusão para o leitor da nossa primeira observação: a oportunidade de sair do valor da fotografia como uma ampliação do olhar do pesquisador (como era considerado por Franz Boas) para uma ferramenta de pesquisa ativa sobre como *"cada comunidade fotografa e se deixa fotografar, de onde se pode obter um inventário de situações e valores de cada grupo"*³

A ameaça volátil Observe as fotos abaixo:



O menino com roupas quadriculadas sou eu há mais de 30 anos atrás, essa foto resistiu a várias mudanças, pragas controladas de cupins, humidade e,

apesar das marcas no papel e uma ou outra necessidade de reforma, mantém suas características primitivas com a passagem do tempo.



Essa outra foto foi encontrada por mim e minha esposa no lixo de um prédio, nos chama a atenção a semelhança entre esse artefato com o anterior, provavelmente com o barateamento da cópia fotográfica em grande formato, os pôsteres com fotos de entes queridos era uma mania das famílias nos anos 1970. Quanto à pessoa fotografada, não sabemos de quem se trata, nem a razão de ter sido jogada fora, podemos pensar em varias causas, do fim de um relacionamento, que marca a queda de relevância da foto para os proprietários, até a morte da família, onde aconteceria o que é bem comum: as fotos (os próprios artefatos) sobreviverem às pessoas retratados.

Agora vamos para um outro exemplo:

Universidade, EAD e Software Livre

Evento Online Assíncrono. Promoção Texto Livre e FALE/UFMG



Essa página era de um site chamado Manguetronic, um programa de rádio na internet criado no Recife em 1996. Em 1997 ele migrou e se tornou parte do conteúdo do UOL, essa página só foi recuperada através do serviço *Internet Archive*⁴. Houve uma primeira geração de sites de cultura no Recife, entre 1994 e 1996, dos quais tenho a felicidade de ter participado, que estão completamente perdidos. Nessa época acreditávamos que o que estava na rede não se perderia. Ironicamente os vestígios históricos que sobraram estão em panfletos de festas e catálogos impressos de exposições.

E o tempo não é o único fator de impermanência, em 1999 um dos sites do qual participei, chamado O Carapuceiro, teve 12 edições publicadas em HTML (linguagem estática de construção de websites), recuperados de um velho backup encontrado ao acaso, tem praticamente o mesmo projeto gráfico original. A partir de 2000 ele foi publicado com um sistema chamado *Notitia*, um sistema de gestão de conteúdo, que foi descontinuado. Como o *Internet Archive* não conseguia interpretar e representar as páginas do seu servidor, todo conteúdo posterior foi perdido.

E o que nos reserva os próximos anos? A notícia de uma redução no

quadro de desenvolvimento da rede social Orkut, primeira grande rede social em número de usuários brasileiros, leva ao entendimento de um futuro fim para o sistema. Como softwares tem um comportamento orgânico e precisam ser mantidos, não adianta o próprio Google dizer que não tem a intenção de encerrar a rede social. Dentro da lógica de mercado, o Orkut não apresentou o desempenho mundial desejado pelo Google. Logo, nada mais lógico que em algum momento, encerrá-lo.

Isso nos faz pensar na urgência da discussão sobre como a Internet, popularizada no surgimento da web, com características democratizantes (neutralidade da rede, produção independente de conteúdos, facilidade de comunicação), inicialmente amplificadas pelas ferramentas de redes sociais (descolamento de qualquer conhecimento de programação para publicação de conteúdo, redes temáticas dedicadas) encontra-se hoje no controle de poucas empresas que não demonstram ter o entendimento (e interesse) no valor social da produção de texto e de imagem e da sua responsabilidade por esse corpus tão rico para pesquisa e preservação da memória.

(1) Rafael Cardoso, *Design para um mundo complexo*, Cosac Naif, 2012

(2) Miriam Moreira Leite, *Retratos de Família*, Edusp, 2001

(3) Arlindo machado citado por Miriam Moreira Leite, *Retratos de Família*, Edusp, 2001

(4) www.archive.org